

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

Thamires da Fonseca Afonso

**Cartografias outras com mapas outros**  
Um guia para os educadores

Juiz de Fora  
2025

Thamires da Fonseca Afonso

**Cartografia outras com mapas outros**  
Um guia para educadores

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito final para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.  
Orientador: Prof. Dr. Jader Janer Moreira Lopes

Juiz de Fora  
2025

## Agradecimentos

Ao chegar ao fim desta etapa de formação muitas são as reflexões que trazemos sobre este processo, o qual finda-se com o presente trabalho.

Neste percurso, perpassado por desafios e conquistas, agradeço, em primeiro lugar, a Deus, a Nossa Senhora, a São José, ao meu Anjo da Guarda e aos meus Fundadores, sem os quais não me seria possível chegar até aqui, pois que o apoio prestado foram essenciais para graduar-me.

Em segundo lugar, agradeço aos meus pais, Juliana e Expedito, por todo o incentivo e zelo que tiveram desde minha mais tenra idade com minha formação e educação, sacrificando-se sempre em favor desses bens valiosos. Às minhas irmãs, Thais e Miriam, porque, ainda que fisicamente distantes, estiveram sempre ao meu lado acompanhando cada passo que dei. Ao meu irmão, sr. Elton, por sempre incentivar a vida acadêmica.

Ao meu estimado orientador, Professor Jader, pela solicitude ao longo do processo de escrita e por ser um exemplo do ato de lecionar com verdadeiro entusiasmo e amor por aquilo que faz. Aos demais docentes do curso de Pedagogia por contribuírem muitíssimo para a minha formação.

Às minhas amigas, Agatha e Letícia, por serem verdadeiros apoios nesta jornada. Aos demais amigos e colegas de turma por fazerem parte desses anos de formação.

A Pedagogia foi, sem dúvidas, uma nova lente para enxergar o mundo de um modo que não me era possível ver.

## **Resumo**

O presente trabalho tem por objetivo servir como guia à prática pedagógica de docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental e da Educação Infantil, a respeito das variadas cartografias existentes, isto é, das diversas formas de registrar o espaço elaboradas por distintos grupos sociais, de maneira a promover o encontro das crianças com estes múltiplos registros, evidenciando a diversidade e diferenças que nos formam.

Palavras-chave: cartografia; geografia da infância; Vigotski; mapas;

## **Abstract**

The present work aims to serve as a guide to the pedagogical practice of teachers in the early years of elementary and early childhood education, regarding the various existing cartographies, that is, the various ways of registering space elaborated by different social groups, in order to promote the meeting of children with these multiple records, highlighting the diversity and differences that form us..

Keywords: cartography; childhood geography; Vigotski; maps.

## Sumário

Agradecimentos -----	03
Resumo -----	04
Mapeando a vida -----	06
Imaginação e Criação na Infância -----	10
Geografia da(na) Infância -----	11
Linguagem, Cartografia e imaginário espacial na infância -----	12
O conceito de vivência -----	13
Cartografia antiga -----	14
Cartografia antiga do Brasil -----	17
Cartografia decolonial e cartografia indígena -----	19
Cartografia infantil -----	22
Cartografia tátil -----	25
Cartografia vivencial -----	28
Apenas uma conexão -----	30
Referências bibliográficas -----	31

 Como pode o homem conceber o mapa? Aqui rios, aqui montanhas, cordilheiras, golfos, aqui florestas, tão assustadoras quanto os mares. As legendas dos mapas são tão belas que dispensam as viagens. Você está louca, dizem-me, um mapa é um mapa. Não estou, respondo. O mapa é a certeza de que existe O LUGAR, o mapa guarda sangue e tesouros. Deus nos fala no mapa com sua voz geógrafa. (PRADO, Adélia. Terra de Santa Cruz. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.)

Viajar sempre foi uma das minhas atividades preferidas e, por conta disso, entretinha-me muito, desde pequenina, olhar e passear nos mapas, que eram utilizados por meus pais para guiar-nos nas estradas, que se encontravam nos catálogos telefônicos, que estavam em panfletos de divulgação de loteamentos ou edifícios novos, que eram dispostos em placas para localização em Museus e rodovias, que se reuniam no Geoatlas[1], nas Sagradas Escrituras, no globo terrestre, nos livros de História e de Geografia e, mais tarde, nos aplicativos de GPS e no Google Maps, no qual utilizava a ferramenta streetview para “viajar” por meio das imagens em 360° do local escolhido, como Veneza, Roma, Paris etc. Pelos mapas andava por esse grande mundo, por sua extensa superfície terrestre.

Imagens 01:  
Minhas Cartografias de memórias infantis

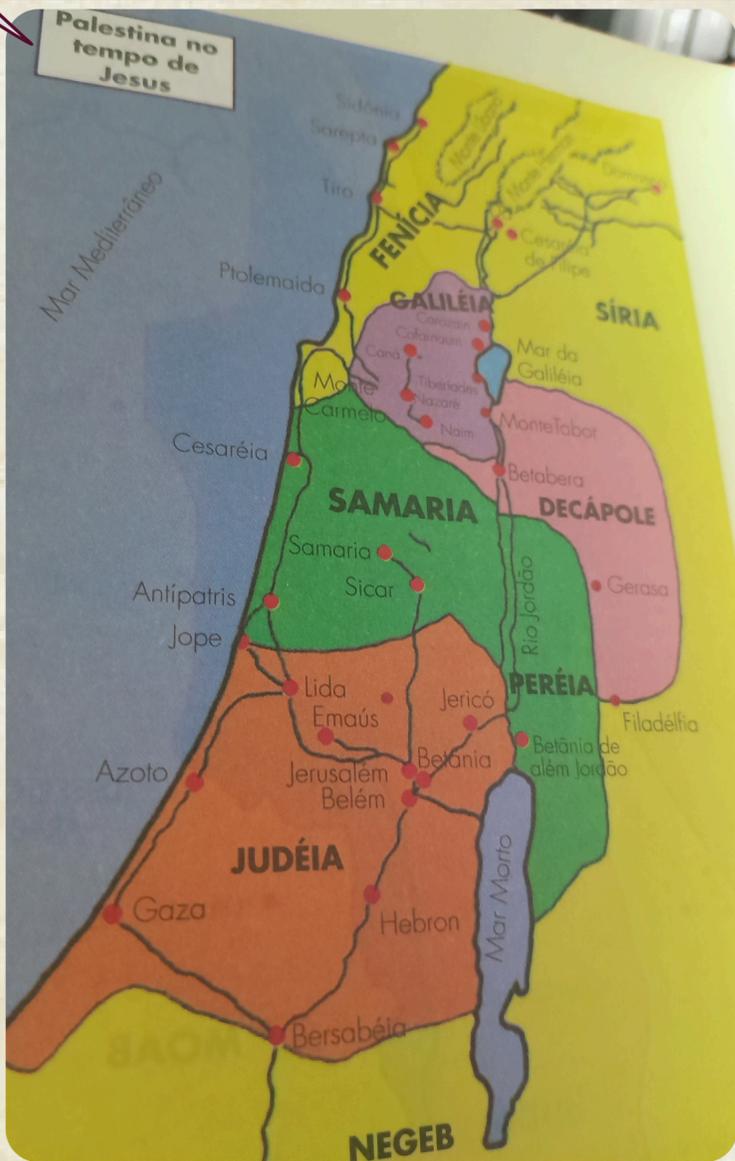


Mapa turístico gastronômico da cidade de São Lourenço

[1] Atlas escolar muito presente nas escolas brasileiras, produzido pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Elena Simielli.

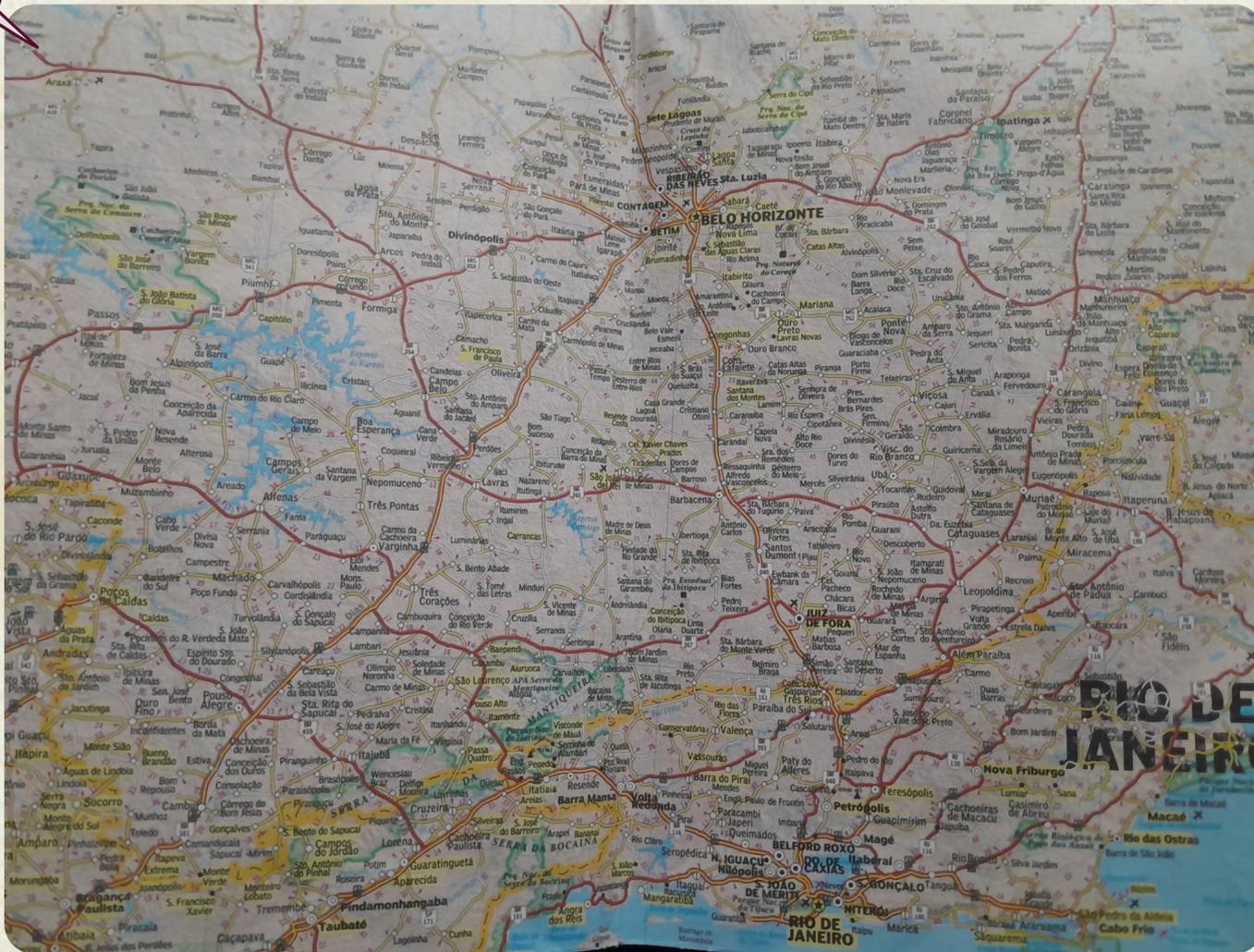


Mapa de catálogo telefônico

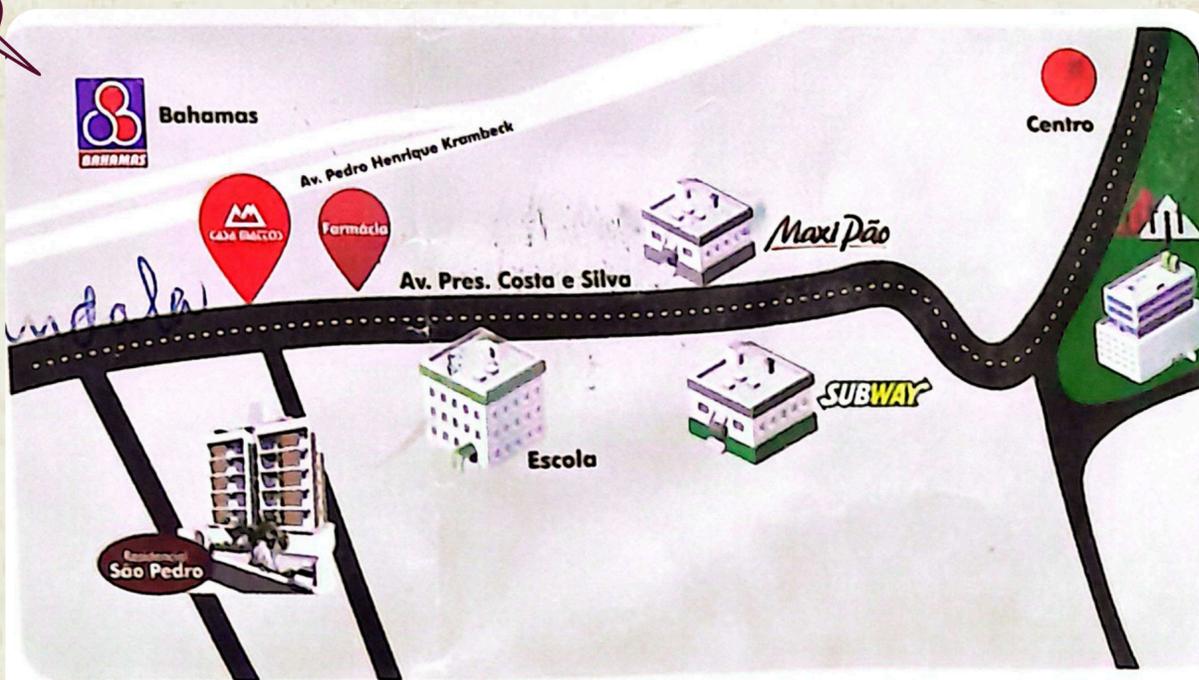


Mapas contidos nas Sagradas Escrituras



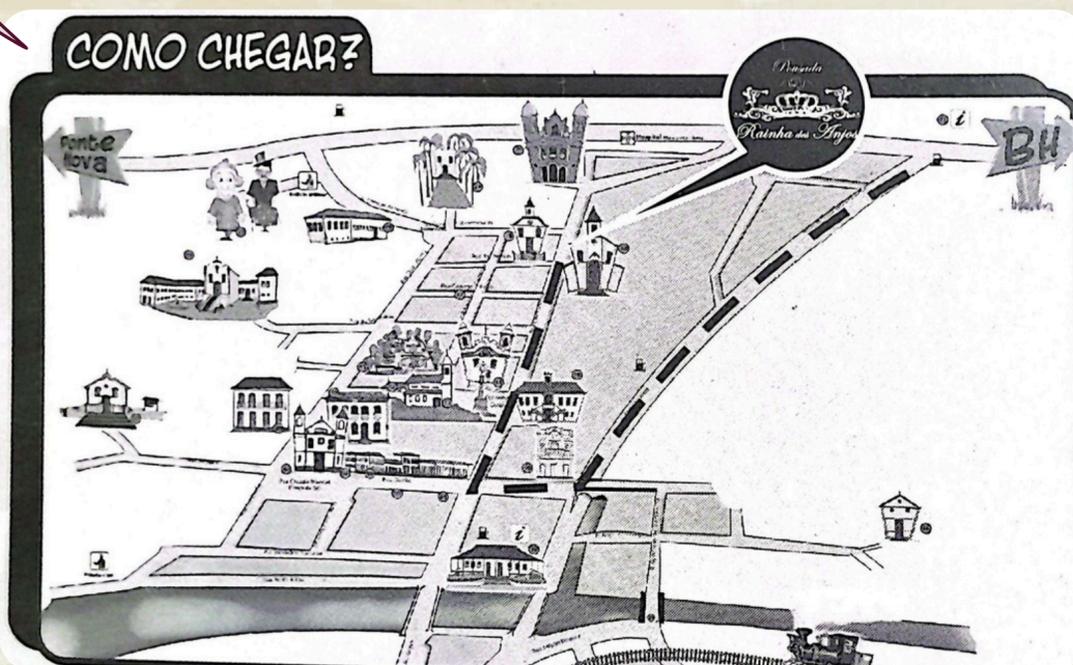


Mapa de rodovias do Guia Quatro Rodas



Rua Honório Antonio da Silva, 141 - São Pedro

Mapa de panfleto de divulgação de edifício novo



Mapa de localização de pousada

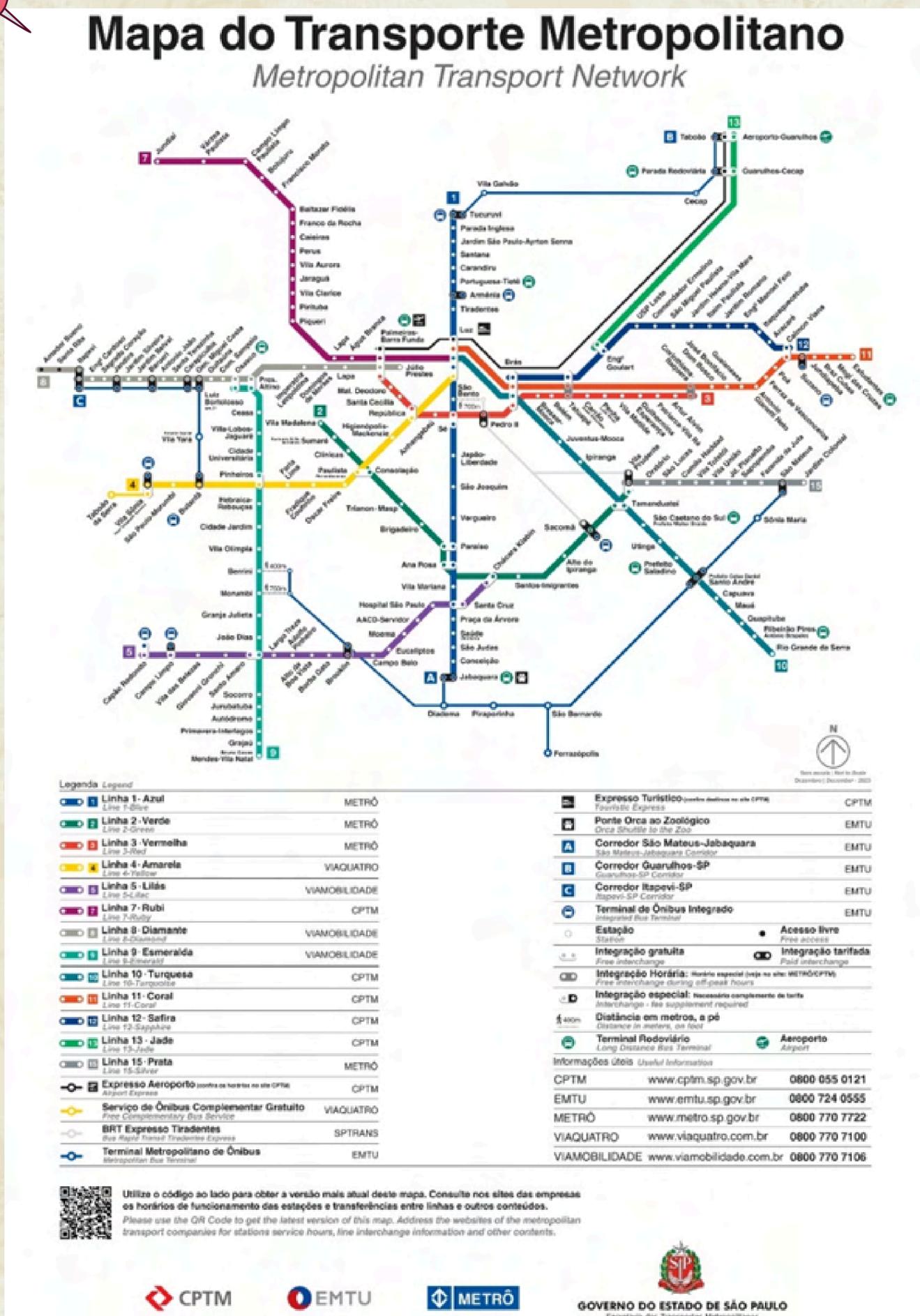
Fonte: arquivo pessoal.



A Cartografia foi assim tornando-se algo prazeroso, ainda que só conhecesse, majoritariamente, as cartas clássicas[1] no período escolar. Quando iniciei o curso de Pedagogia, na Universidade Federal de Juiz de Fora, fiquei curiosa ao notar, dentre as disciplinas eletivas ofertadas, a disciplina “Cartografia com crianças e escolares” e, desde o ingresso no curso enchi-me de desejo por estudar um pouco mais sobre aquilo que tanto encantara-me outrora: os mapas, os registros do espaço, os atlas e outros elementos que envolvem esse saberes construídos ao longo da história humana em seu contato com os elementos da natureza e da sociedade.

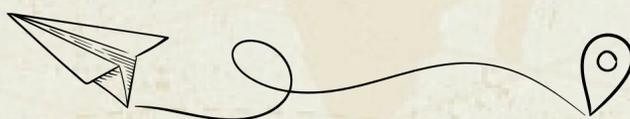
Somente após o quarto período da faculdade pude, finalmente, cursar a disciplina. A expectativa era grande e, no primeiro dia de aula, uma surpresa e um desafio figuraram-se diante de mim: interpretar um mapa de metrô. Residindo em Juiz de Fora, cidade isenta desse meio de transporte, nunca havia utilizado metrô e, muito menos, conhecia tal tipo de registro. Era o mapa de metrô de São Paulo e sua extensa e intrincada rede que se espalham pela superfície e pelo subsolo dessa cidade. O mapa a seguir foi o que tivemos em mão para ser compreendido:

Mapa 01:  
Mapa do metrô de São Paulo



Tal fato fez-nos discutir, em sala de aula, o quanto a escola privilegia o ensino de cartografia através de um único modelo de mapas, utilizando, muitas vezes, como base os mapas que se tornaram hegemônicos no mundo, como os que conheci nos atlas de meus anos escolares, esquecendo-se de ensinar aos escolares que, sendo o mapa uma representação gráfica de um espaço que vivemos, há uma multiplicidade de registros além dos tradicionais. Portanto, a pluralidade de cartografias deve ser ensinada, a fim de enriquecer o imaginário espacial dos estudantes, dado que ao longo da caminhada humana na Terra sempre tivemos formas de registrar o espaço que habitamos, existindo, por exemplo, os mapas antigos, de outras culturas, de outros povos, cotidianos, vivenciais e sociais.

Nessa perspectiva, a pesquisa em questão busca compreender como a espacialidade, ou seja, a representação e a linguagem do uso do espaço vivido (FERRARA, 2016 apud NAKAGAWA, 2016, p.8) apresenta-se em uma ampla diversidade de formas de registrar o espaço e que deve se repercutir no trabalho com as crianças na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Assim, os capítulos que se seguem objetivam servir como um guia para a prática pedagógica, a fim de que as crianças, em sala de aula, entrem em contato com as mais variadas formas de registro elaboradas pelos distintos grupos sociais, evidenciando a diversidade e diferenças que nos formam.



### Imaginação e criação na infância



A imaginação é um esforço para buscar a verdade.  
(MONTESSORI, Maria. *Mente absorvente*. Tradução de Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Nórdica, 1987, p.196)

A atividade criadora constitui ontologicamente o homem, de tal modo que desde a mais tenra infância ele é capaz de criar, imaginar, combinar e modificar algo. Lev S. Vigotski, conhecido teórico russo que se destacou por buscar compreender o desenvolvimento humano, salienta que “É exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente.” (2009, p.14).

A criação pode manifestar-se, segundo o referido autor, de maneira reprodutiva ou combinatória. Na primeira, baseando-se na memória, o ser humano reproduz práticas já criadas ou ressuscita marcas de impressões precedentes, enquanto na segunda não há a reprodução das impressões anteriormente vivenciadas, mas a produção destas pela imaginação, reelaborando elementos da experiência anterior de forma a erigir novas situações.

Compreendemos, portanto, que a base de toda a atividade criadora humana é a imaginação, e, por isso, ela encontra-se presente em todos os aspectos da vida cultural dos sujeitos, sendo considerada por Vigotski (2009) uma função vital. Esta relaciona-se com a realidade, podendo emergir de elementos existentes ou presentes em experiências antecedentes, articular-se com um fenômeno real, ligar-se à emoção ou tornar-se realidade (Vigostki, 2009).

Segundo Vigotski (2009), estes processos de criação, desde a primeira infância, encontram-se na brincadeira da criança, sendo que essa “não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas.” (p.17). A atividade criadora de combinação

não irrompe de uma vez, mas lenta e gradativamente, desenvolvendo-se de formas mais elementares e simples para outras mais complexas. Em cada estágio etário, ela tem uma expressão singular; cada período da infância possui sua forma característica de criação.” (p.19)

Assim sendo, ao longo do desenvolvimento infantil os processos criativos e imaginativos modificam-se e complexificam-se à medida em que as crianças vão vivenciando e interagindo com a realidade que os cerca.

Nesse trabalho, como estamos nos pautando nos postulados da Teoria Histórico-cultural e, como veremos a seguir, nos trabalhos da Geografia da Infância, vamos usar o termo imaginação espacial, pois ele expressa, para além da racionalidade, a dimensão da atividade criadora, do intelecto e do afeto.



A concepção de criança, ao longo dos séculos de existência humana, foi sofrendo diversas modificações e a infância passou a ser reconhecida como conceito possível de ser pesquisado apenas ao final do século XIX (Áries, 1981). No entanto, como salientado por Lopes e Vasconcellos (2005), a noção de infância apresenta diferentes apropriações relativas aos interesses dos que a utilizam, sendo considerada universal somente quando necessária.

Desse modo, podemos compreender que, uma vez que nascemos imersos em uma cultura e nos constituímos como seres humanos através da relação com os demais que nela estão inseridos, a existência da infância e da cultura infantil são plurais e atravessadas “pelos dimensões do espaço e do tempo que, ao se agregarem com o grupo social, produzem diferentes arranjos culturais e diferentes formas de ser criança, traços simbólicos carregados por toda a vida.” (LOPES E VASCONCELLOS, 2005, p.28)

Os autores supracitados afirmam, ainda, que o grupo social designa não apenas a cultura, mas também o espaço físico no qual tal cultura será vivida e desenvolvida.

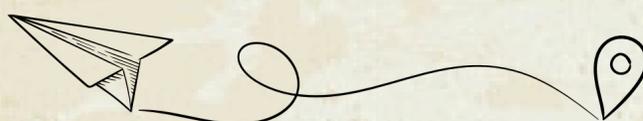
Existe, portanto, uma estreita ligação entre a vivência da infância e o local onde ela será vivida. As crianças, ao apropriarem-se dessas dimensões, reconfiguram-nas, as reconstruem-nas e, ao se criarem, criam suas diferentes histórias em suas diferentes geografias. É nessa perspectiva que podemos falar em uma Geografia da Infância. (LOPES E VASCONCELLOS, 2005, p.29-30)

Assim, percebemos que o espaço geográfico e o processo de humanização possuem um vínculo indissociável, uma vez que “o espaço geográfico surge na história através da organização territorial dada pelo homem à relação com meio.” (MOREIRA, 2007, p.43 apud LOPES, 2013, p.129). São, portanto, os espaços geográficos que permitem a ocorrência dos processos humanos, constituindo uma dimensão geo-histórica nesses processos. (LOPES, 2013), de tal maneira que podemos dizer que “o nascimento humano não representa a simples entrada num espaço-tempo, mas constitui uma entrada na história e na geografia que configuram as paisagens presentes no planeta. (LOPES, 2007, p.50)

Vivemos no espaço, desenvolvemo-nos no espaço, humanizamo-nos no espaço, a mesma vida que habita o espaço habita em nós (LOPES, 2020). Os espaços, então, são formadores de nossa subjetividade havendo “um contínuo movimento entre espaço, sociedade e sujeitos, que faz com que a nossa geografia esteja preche de espaços, de territórios e lugares; que nos formaram e formam e que carregamos para o resto da vida.” (LOPES, 2007, p.51)

Tal indissociabilidade entre espaço e humanização é corroborada pelos estudos de Jean Piaget, os quais afirmam que, ao nascer, o bebê percebe o ambiente como extensão do próprio corpo, fato que irá transformar-se com o desenvolvimento sensório-motor a partir do qual a criança gradativamente distingue-se do mundo, construindo a noção de espaço-tempo, desenvolvendo e complexificando as relações espaciais à medida que amplia o seu espaço de ação no mundo, sua vivência no mundo.

A noção espacial forma-se, segundo Piaget, nas seguintes etapas contínuas: relações topológicas – separação, vizinhança, ordem e fechamento (interior/exterior); relações projetivas, definidas pelo ponto de vista do observador; e relações euclidianas, baseadas por eixos e coordenadas pelo ponto de vista externo ao observador. Dessa forma, “o horizonte de espacialidade de uma criança se expande à medida que ela cresce, construindo gradativamente os diversos níveis ou dimensões do espaço em que se insere.” (LOPES, 2007, p.47)





Ao aprender o mapa, é possível conhecer o que há além do mapa.  
(GERON, G.; FRANCISCHETT, M. N., 2016, p.1625)

Ao nascer, o ser humano adentra um mundo permeado pela linguagem e forma sua consciência a partir do verbo de outrem, nas linguagens cronotópicas (BAKHTIN, 2014 apud LOPES, DE PAULA, 2020, p.3), isto é, na conexão intrínseca das relações entre tempo e espaço, o que torna possível afirmarmos que “não existe vivência espacial fora do verbo humano”. (LOPES, DE PAULA, 2020, p.6). Desse modo, o conhecimento do espaço pela criança, como expresso por Juliasz e Almeida (2014), ocorre na conjugação entre ação e linguagem, envolvendo o deslocamento e a manipulação dos objetos bem como a nomeação destes e dos lugares.

Dado que uma linguagem objetiva expressar um pensamento e comunicar através de um conjunto de signos estabelecidos como um sistema, a Cartografia, ciência voltada à análise e à construção de representações do espaço geográfico, pode ser considerada uma linguagem universal (JOLY, 2004 apud LIMA, DA COSTA, 2012), uma vez que por meio dela torna-se possível compreender diversos conteúdos concernentes à Geografia, sobretudo os conceitos-chave (espaço, território, região, lugar, e paisagem), além da espacialidade das práticas sociais no espaço habitado. (LIMA, DA COSTA, 2012).

Os mesmos autores expõem, ainda, que

Como toda linguagem, Cartografia e sociedade estão integradas de modo inseparável. Ela é um conhecimento desenvolvido desde a Pré-história. O homem, ao explorar o espaço à sua volta, procurou representá-lo para os mais diferentes fins. Movimentar-se no espaço terrestre, requereu a necessidade de registrar os pontos de referência da paisagem e armazenar o conhecimento adquirido da área, pretendendo localizá-la com mais facilidade em um momento posterior, bem como demarcar os territórios mais favoráveis à caça de animais e à coleta de frutos. Dessa forma, a linguagem cartográfica surge como um meio de representação e comunicação que permite aos homens identificar os espaços mais propícios à sua sobrevivência. (LIMA, DA COSTA, 2012, p.109)

Assim, a Cartografia, especialmente em seu suporte mais usual - o mapa – é uma construção social do mundo que pode ser decodificada, possuindo por função não apenas a representação da superfície terrestre, outrossim “comunicar informações a respeito dos fenômenos nas mais diferentes escalas que se desenvolvem na sua superfície” (LIMA, DA COSTA, 2012, p.114)

Porém, como já apresentado, essa busca por uma linguagem universal passou a padronizar e priorizar apenas um modelo de mapa, o que levou ao desaparecimento de outros, a invisibilidade de muitas formas de registrar o mundo. Não desconsideramos a importância das crianças aprenderem a cartografia tradicional, mas questionamos porque aprender só essa?

Encontramos essa discussão no livro “O colecionador de botões e a menina que gostava de mapas remendados” [1], quando, no capítulo “O botão enferrujado”, o *botãoeiro* traz-nos reflexões acerca das convenções funcionais dos mapas, o que levou ao silenciamento de histórias e de povos presentes no espaço cartografado. Tornando-se apenas retas, linhas, extensões e distâncias eximiram sua capacidade de ressaltar a amplitude do imaginário espacial, por outro lado, perderam o sentimento, isto é, não nos contam “as voltas do mundo, do vento, as curvas tortas das ruas, das casas e dos prédios, uma pitada dos sabores e temperos do mundo, do gosto que as coisas têm.” (p.23).

Compreendemos que o imaginário espacial se desenvolve na criança à medida em que ela vivencia, experiencia e aprende o espaço, tanto por experiências corporais como pelo aprimoramento e aprendizado da linguagem, a qual possibilita a apreensão e expressão das relações espaço-temporais, o que resulta na capacidade de elaborar representações gráficas cujos símbolos evidenciam a percepção espacial e a leitura que o sujeito faz do mundo e de suas experiências cotidianas.

Nesse sentido, podemos falar de várias cartografias, dado que o desenvolvimento deste imaginário permite a construção de registros relacionados à vivência de cada sujeito, de cada povo, de cada história e, como nos diz o *botãoeiro*: “Cada um tem que guardar aquilo que não pode esquecer do mundo e não quer que o mundo esqueça.” (p.25)

[1] LOPES, Jader Janer Moreira. O colecionador de botões e a menina que gostava de mapas. Juiz de Fora: [s.n.], 2017. E-book. il.





## O conceito de vivência



Tudo o que nos torna humanos é possível pela vivência  
(LOPES, DE PAULA, 2020, p.10)

Etimologicamente considerada como viver ou estar em vida – vivencia, no latim -, a vivência relaciona-se, também, com toda e qualquer experiência da qual o sujeito participa, auferindo dela conhecimentos, costumes e modos de vida.

Vigotski, célebre estudioso da vivência, a qual constitui um dos pilares de sua Teoria Histórico-Cultural, considera-a como uma relação que o sujeito trava com os acontecimentos que atravessam sua vida, sendo, portanto, única e particular. Nesse sentido, o meio no qual tal relação ocorre influencia diretamente no desenvolvimento do ser humano, impacta sua vivência. Assim,

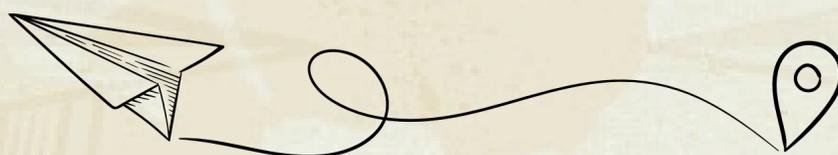
a vivência de uma situação qualquer, de um componente qualquer do meio define como será a influência dessa situação ou meio sobre a criança. Ou seja, não é esse ou aquele momento, tomado independentemente da criança, que pode determinar sua influência no desenvolvimento posterior, mas o momento refratado através da vivência da criança (VIGOTSKI, 2018, p. 75 apud LOPES, DE PAULA, 2020, p.9)

O meio, entretanto, ainda que seja o mesmo espaço físico, será sempre diferente para os sujeitos que o ocuparem, uma vez que o analisarão de acordo com sua subjetividade. Além disso, transformar-se-á como e com o indivíduo, exercendo sua influência ou não no desenvolvimento psicológico deste, em concordância ao grau de consciência que possui no momento, bem como à atribuição de sentido e ao relacionamento afetivo com determinado acontecimento. (LOPES, DE PAULA, 2020)

A vivência configura-se, neste viés, como uma unidade entre sujeito e meio em suas singularidades, um entrelaçamento entre o momento vivido e o modo pelo qual foi vivido (LOPES, DE PAULA, 2020). Assim, a vivência vai modificando-se desde a inserção do humano no mundo à sua saída deste, como exemplificado no caso infantil por Vigotski

(...) de certa forma, a situação influencia a criança, direciona seu desenvolvimento. Contudo, tanto ela quanto seu desenvolvimento se modificam, se tornam outros. Não é apenas a criança que muda, mas também a sua relação com o meio, que começa a influenciá-la de uma nova maneira. (VIGOTSKI, 2018, p. 83 apud LOPES, DE PAULA, p.10)

Concluimos, então, que a vivência exerce um papel essencial no processo de humanização, possuindo o meio como grande influenciador de tal processo.



Com os pressupostos teóricos, podemos seguir explorando o mundo em seus variados suportes...





## Cartografia antiga

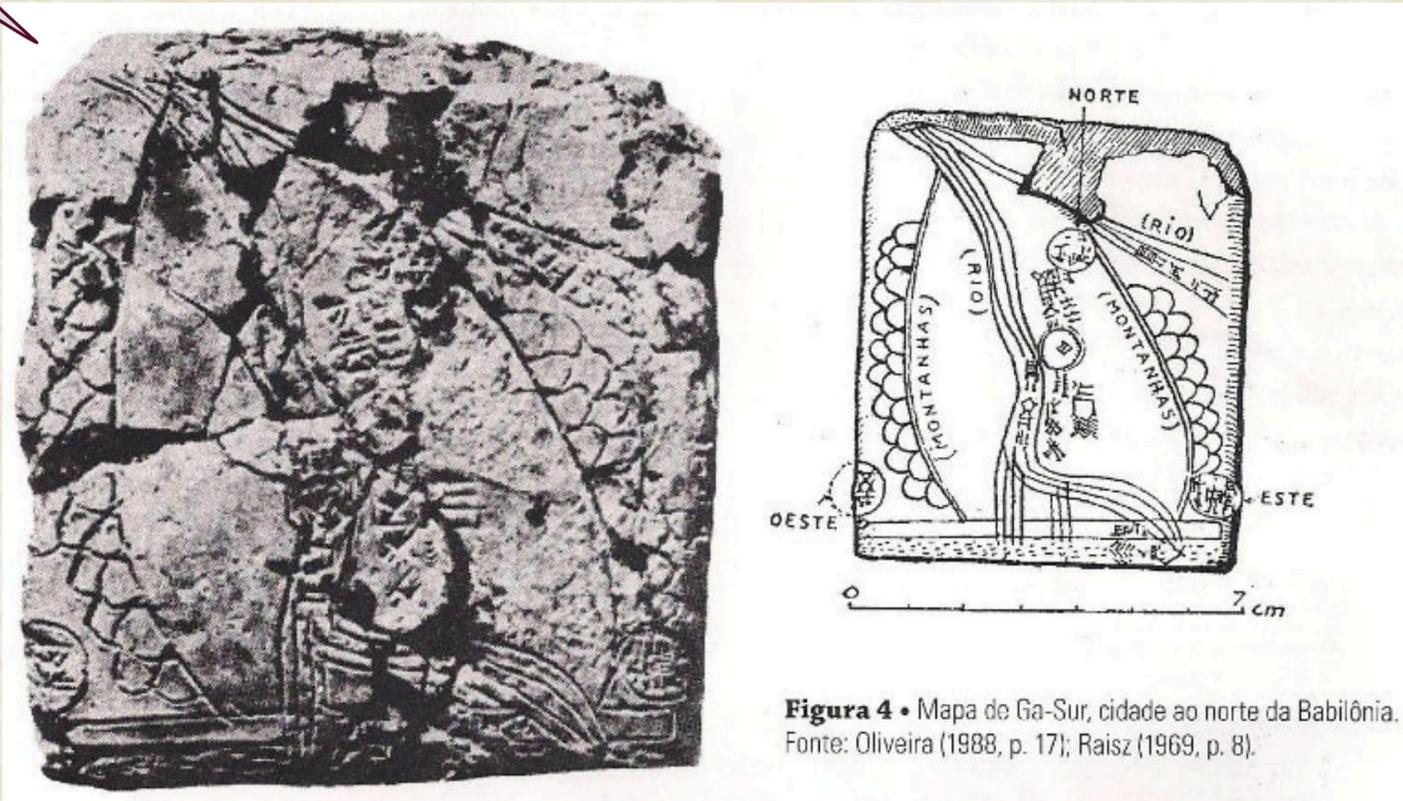


Fazer mapas é uma aptidão inata da humanidade.  
(Raisz, 1969, p.7 apud Carvalho, Araújo, 2008, p.10)

Como apresentado na seção “Linguagem, cartografia e imaginário espacial na infância”, a feitura de mapas tornou-se necessária à vida humana desde os tempos mais remotos. Por isso, ensinar às crianças como a cartografia foi desenvolvida no passado leva-nos a refletir a respeito da importância dos primeiros registros do espaço terrestre, bem como sobre a transformação destes com o desenvolvimento da humanidade.

Vejamos alguns exemplos.

Mapa 02:  
Mapa Babilônico de Ga-Sur



**Figura 4** • Mapa de Ga-Sur, cidade ao norte da Babilônia.  
Fonte: Oliveira (1988, p. 17); Raisz (1969, p. 8).

Fonte: História da Cartografia | ServiceMap Geoprocessamento  
Disponível em: <https://www.servicemap.com.br/historia-da-cartografia.php>

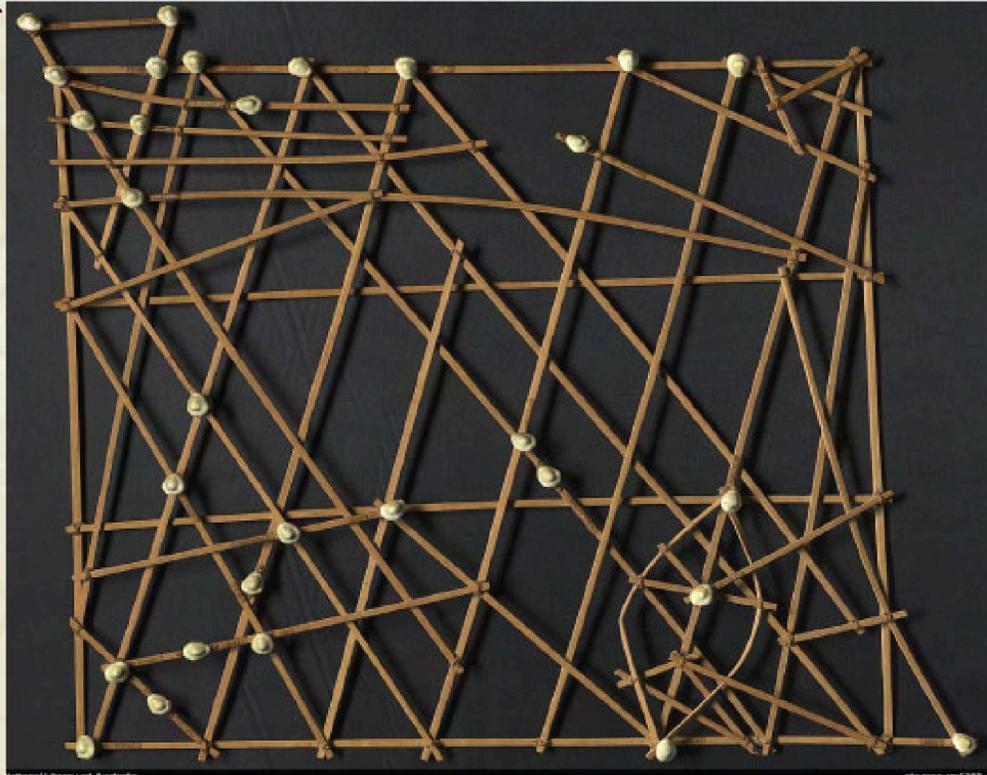


O mapa acima foi produzido, em barro cozido, pela civilização babilônica retratando a localidade de Ga-Sur, com traços que representam um rio ladeado por montanhas sendo considerado o mais antigo exemplar de registro do espaço. Arqueólogos acreditam que o artefato representa a antiga Mesopotâmia, possuindo entre 2500 e 4500 anos de existência. (Carvalho, 2008)



**Este mapa permite o trabalho interdisciplinar com a disciplina de História (história da humanidade) e de Matemática (números babilônicos)**

Mapa 03:  
Carta Marinha das Ilhas Marshall



Fonte: Instituto de Geociências - MAPA DAS ILHAS MARSHALL  
Disponível em: <http://e-science.nuvem.ufrgs.br/museudetopografia/index.php/mapas/234-mapa-das-ilhas-marshall>



Este mapa foi confeccionado pelo povo nativo das Ilhas Marshall, no Oceano Pacífico. Foi fabricado com fibras vegetais entrelaçadas, no qual as ilhas eram marcadas com conchas do mar e a curvatura das fibras indicava a direção das ondas em determinada época do ano. (Carvalho, 2008)

Mapa 04:  
Mapa de Bedolina



Fonte: Early Maps – Bedolina Petroglyph and Babylonian World Map – Baseline GIS  
Disponível em: <https://baselinegis.com/early-maps-bedolina-petroglyph-and-babylonian-world-map>



Confeccionado na pedra pelos povos camônios que viviam no norte da Itália. O mapa representa a localidade de Bedolina, no vale do rio Pó, e as atividades agrícolas destes povos. Acredita-se que tenha cerca de 2400 anos a.C (Carvalho, Araújo, 2008)



O advento da era das Grandes Navegações, em meados do século XV, contribuiu muito para o desenvolvimento cartográfico com a expansão do conhecimento de mundo com o conseqüente aprimoramento da cosmografia, bem como da imprensa e da arte de gravar, as quais facilitaram a disseminação da Cartografia, que outrora era feita à mão.

**Imagem 02:  
Gerhard Kremer (Mercator)**



Fonte: Gerardus Mercator | Flemish Cartographer & Mapmaker | Britannica  
Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Gerardus-Mercator>

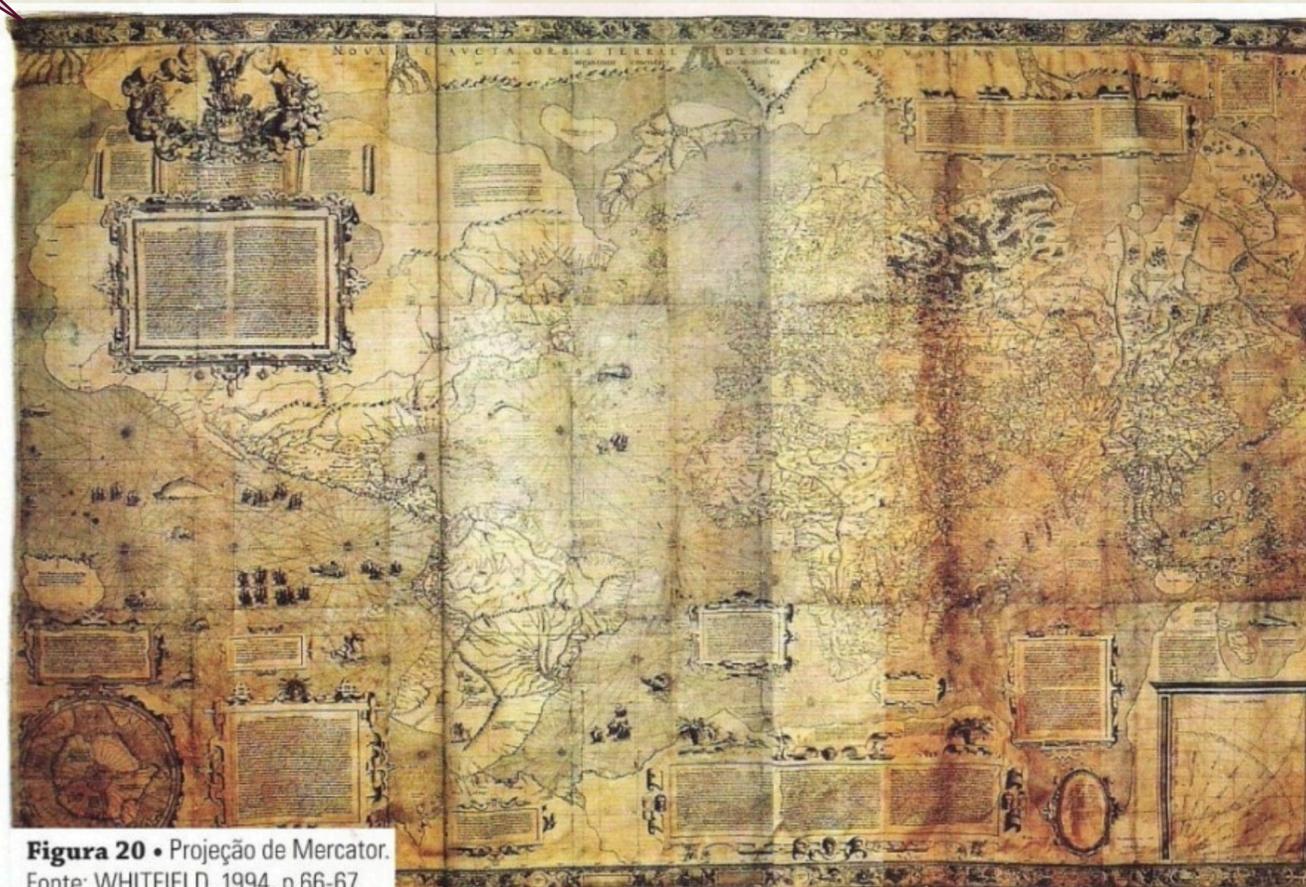


Um dos principais nomes da Cartografia, Gerhard Kremer, ou Mercator, como era conhecido, nasceu em 1512 em território flamengo e grande estudioso de Geografia, Astronomia e Geometria, desenvolveu estudos, que o levaram à elaboração de mapas excelentes de uso prático. (Carvalho, Araújo, 2008)



Publicou em 1569 um mapa mundi que reproduzia a costa da América Central e a mais exata representação da Ásia. O diferencial desse trabalho de Mercator foi a utilização da projeção cilíndrica, na qual os meridianos e paralelos formam ângulos de 90°, distorcendo as regiões polares, bem como o tamanho dos países dominantes à época. (Carvalho, Araújo, 2008)

**Mapa 05:  
Mapa de Mercator**



**Figura 20 • Projeção de Mercator.**  
Fonte: WHITFIELD, 1994, p.66-67.

Fonte: História da Cartografia | ServiceMap Geoprocessamento  
Disponível em: <https://www.servicemap.com.br/historia-da-cartografia.php>



## Cartografia antiga do Brasil



Segundo Carvalho e Araújo (2008), a Cartografia no Brasil, como é de se esperar, teve estreita ligação com Portugal e desenvolveu-se seguindo os passos de nossa história. Pouco se conserva do período colonial, porém sabe-se que já em 1500 o Brasil passou a ser representado no mapa mundi que podemos observar abaixo no canto inferior esquerdo, produzido por Juan de la Cosa.

### Mapa 06:

### Mapa Mundi de Juan de La Cosa - ano 1500



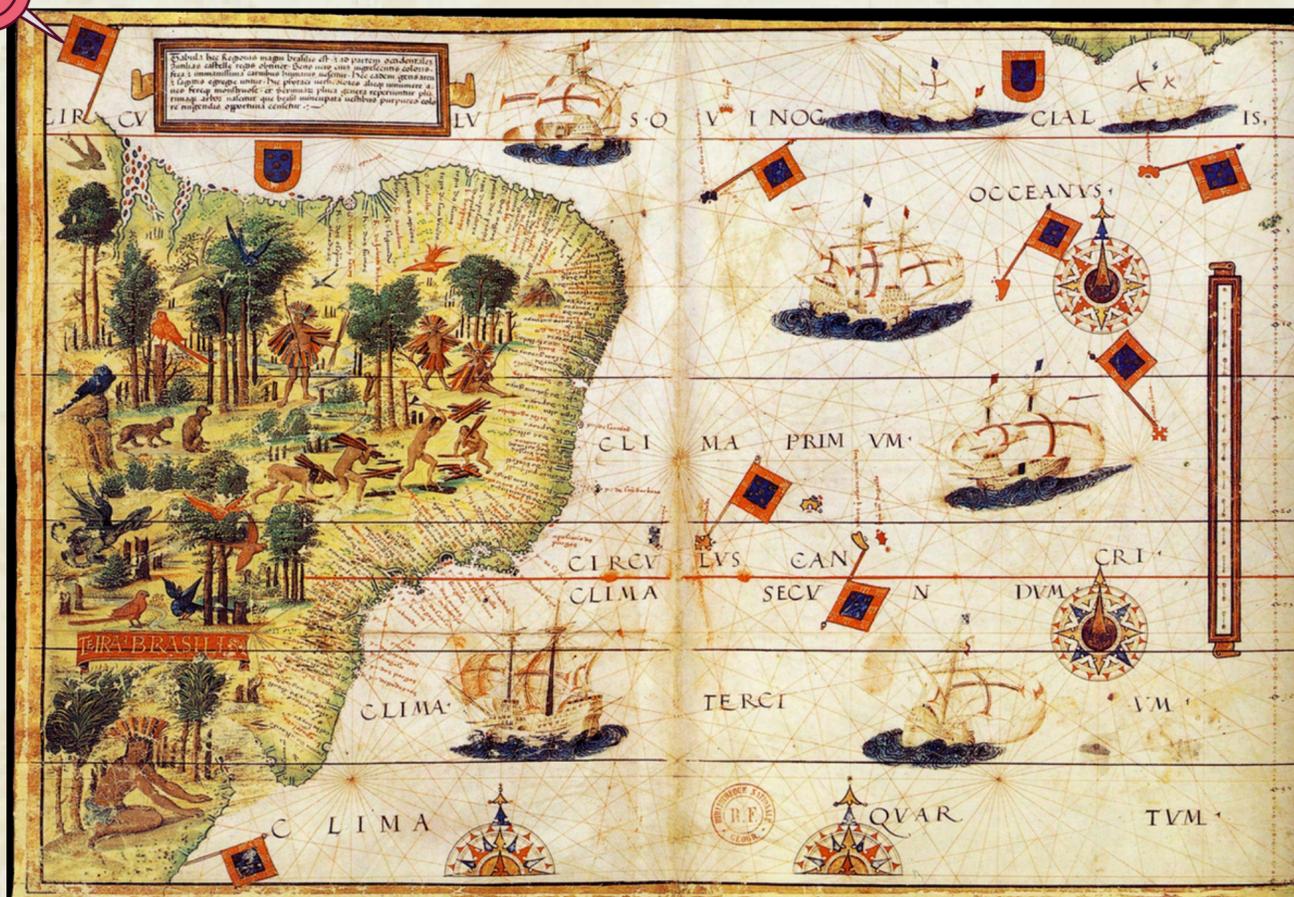
Fonte: <http://www.mapas-historicos.com/juan-dela-cosa.htm>



O mesmo autor destaca que, em 1519, um trabalho de Lopo Homem, Pedro e Jorge Reinel, intitulado *Terra Brasilis*, trouxe o primeiro mapa temático do Brasil, retratando o desmatamento ocasionado pela exploração do Pau-Brasil.

### Mapa 07:

### Terra Brasilis



Fonte: [https://blog.sefer.com.br/judeus-e-marranos-na-construcao-do-brasil/12a\\_mapa-terra-brasilis-lopo-homen-1519/](https://blog.sefer.com.br/judeus-e-marranos-na-construcao-do-brasil/12a_mapa-terra-brasilis-lopo-homen-1519/)



Uma importante publicação no campo da Cartografia histórica foi o Atlas do Brasil, de 1640, produzido por João Teixeira Albernaz, o qual mostra grande parte do conhecimento sobre o território nacional à época, inclusive a consideração do estuário do Rio da Prata, inclusive do Uruguai, como parte do território brasileiro pela Coroa Portuguesa. O livro reúne 31 cartas precedidas por uma explicação do próprio autor, que era cartógrafo oficial da nação. Podemos observar algumas abaixo.

**Mapa 07:**  
**Estado do Brasil, 1631**



Fonte: Palácio Itamaraty. Os mapas do descobrimento, 2000.

**Mapa 08:**

**Costa que se estende do Rio Grande até o Rio Guaratuba, 1631**



Fonte: Palácio Itamaraty. Os mapas do descobrimento, 2000.

**Imagem 03:**

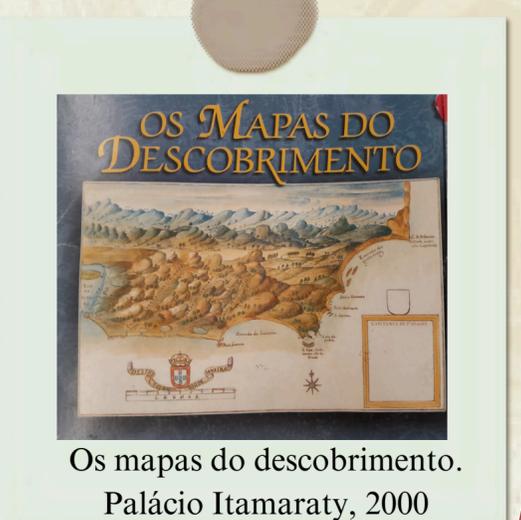
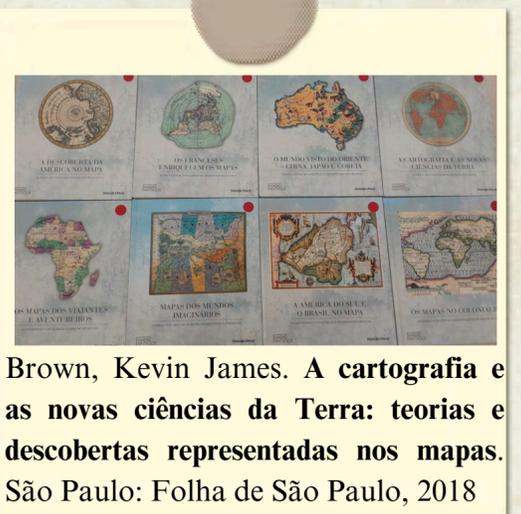
**Capa do Atlas de Albernaz**



Fonte: <https://www.historia-brasil.com/mapas/atlas-1640.htm>



**Dicas de materiais para o trabalho com cartografia antiga**





## Cartografia decolonial e cartografia indígena

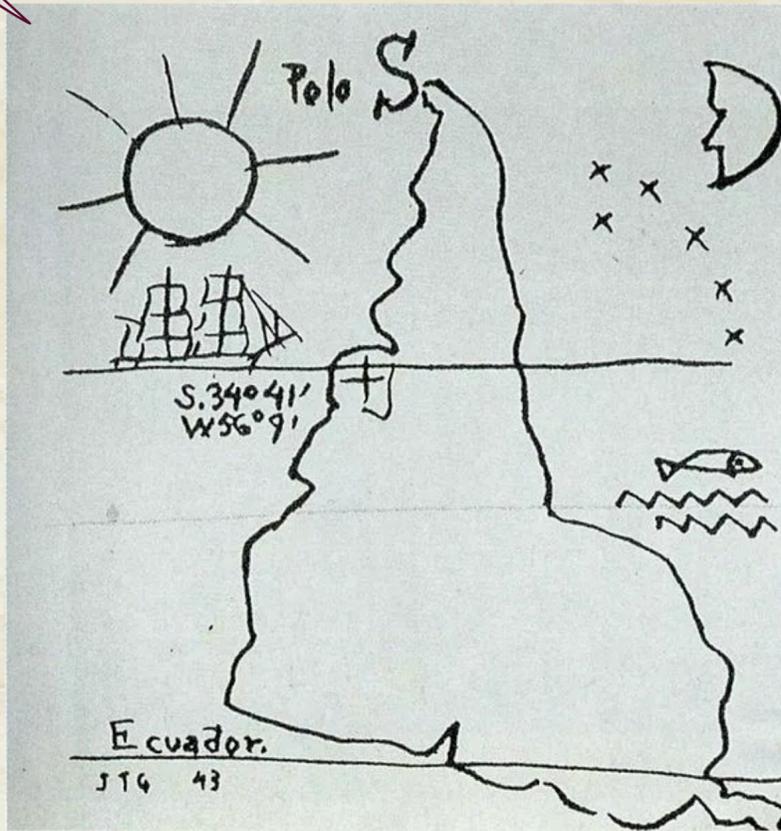


“A cartografia nunca foi uma ciência neutra, que representa exatamente o espaço ou a realidade.”  
(Albuquerque, R.R. de et al. A cartografia no ensino de Geografia. 2021., p.15)

A Cartografia Decolonial é uma vertente cartográfica pautada em referenciais socioculturais para sua construção, rompendo, assim, com a lógica e convenções eurocêntricas de produção. Nesse sentido, ela concede visibilidade a outras possibilidades de cartografar o mundo, como podemos ver a seguir:

### Mapa 09:

#### América invertida - Joaquín Torres Garcia, 1943



Tenho dito Escola do Sul porque, na realidade, nosso norte é o Sul. Não deve haver norte, para nós, senão por oposição ao nosso Sul. Por isso agora colocamos o mapa ao contrário, e então já temos uma justa ideia de nossa posição, e não como querem no resto do mundo. A ponta da América, desde já, prolongando-se, aponta insistentemente para o Sul, nosso norte. (TORRES GARCIA, 1935).

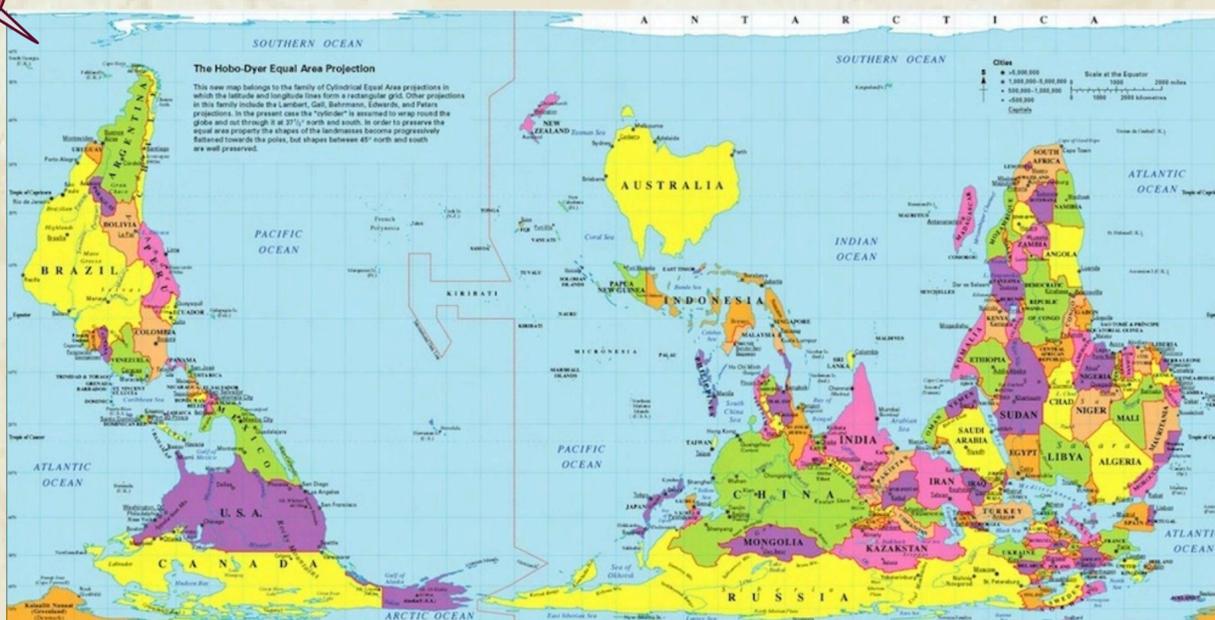
Fonte: <https://teoriadodesign.com/america-invertida-o-mapa-de-ponta-cabeca/>



Criado pelo uruguaio Joaquín Torres Garcia, é um desenho a caneta e tinta de 1943, ilustrando aquilo que defendia em seu manifesto “Escuela del Sur”, de 1935, isto é, a necessidade de autonomia latino-americana e de valorização da cultura sulista, refutando a perspectiva nortecêntrica.

### Mapa 10:

#### Projeção de Área Igual Hobo-Dyer



Fonte: <https://decolonialatlas.wordpress.com/2014/11/04/hobo-dyer-equal-area-projection-map/>



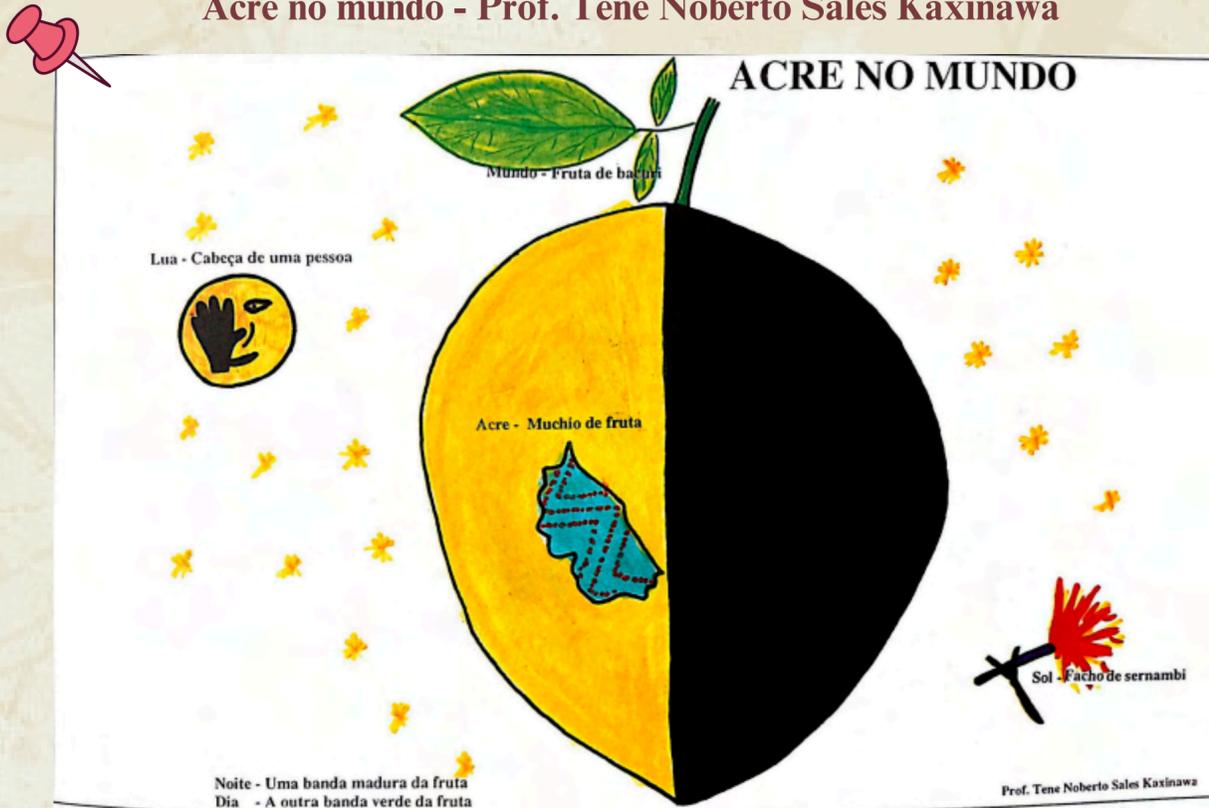
Esse tipo de projeção é uma maneira de representar a Terra sem alterar significativamente as áreas continentais e oceânicas, retratando seu tamanho relativo real além de modificar a perspectiva típica da maioria dos mapas, colocando o Pacífico como centro e a Europa e América do Norte na parte inferior do mapa e nos cantos periféricos.



Ainda no âmbito da decolonialidade temos a cartografia indígena, que dá voz àqueles que nos processos de colonização sofreram um cruel silenciamento. Abaixo, podemos contemplar um atlas do Acre, feito por professores indígenas da região, utilizando-se de elementos da cultura indígena para compô-lo.

### Mapa 11:

#### Acre no mundo - Prof. Tene Noberto Sales Kaxinawá



Fonte: <https://cpiacre.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Atlas-Geografico-Indigena-do-Acre.pdf>

### Mapa 12:

#### Acre território tradicional indígena - Prof. Edson Ixã Kaxinawá



Fonte: <https://cpiacre.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Atlas-Geografico-Indigena-do-Acre.pdf>



O site do Atlas decolonial (<https://decolonialatlas.wordpress.com>) apresenta uma ampla coleção de mapas alternativos com essa perspectiva de rompimento com o Colonialismo. Dentre as múltiplas cartografias encontramos dois registros com a Língua Guarani, falada por muitos membros da população originária de países como Brasil, Paraguai, Argentina e Bolívia, concedendo visibilidade à forma de nomeação dos países e continentes pelos falantes de Guarani.

### Mapa 13:

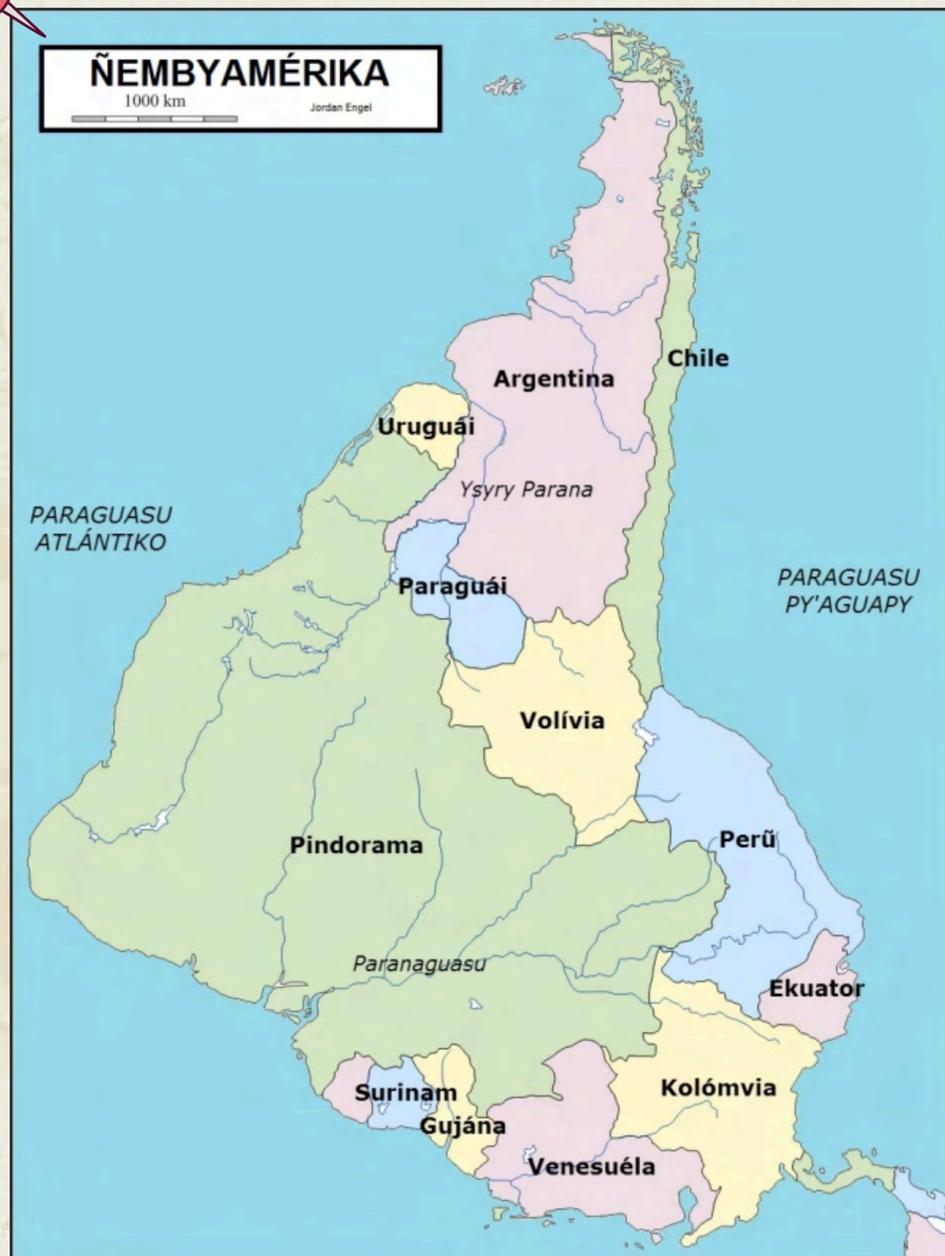
### O mundo em Guarani - Jordan Engel



Fonte: <https://decolonialatlas.wordpress.com/2014/12/01/the-world-in-guarani/>

### Mapa 14:

### América do Sul em Guarani - Jordan Engel



Fonte: <https://decolonialatlas.wordpress.com/2014/10/30/south-america-in-guarani/>



No capítulo “Imaginação e criação na infância” discutimos a atividade criadora à luz dos postulados de Vigotski (2009), o qual afirma que esta constitui ontologicamente o homem e inicia-se já na mais tenra infância possuindo por base a imaginação, que se relaciona com a realidade vivenciada pela criança. Neste sentido, os estudos sobre a Geografia da Infância, apresentados no capítulo “Geografia da(na) infância”, nos levam a compreender que essa atividade desenvolve-se em um espaço geográfico que influencia as experiências vivenciadas, haja visto que há um vínculo indissociável entre este e o processo de humanização, o que influenciará, também, a criação.

As crianças, a partir de suas experiências espaciais do mundo e de seu potencial imaginativo-criativo, podem desenvolver uma cartografia riquíssima se permitirmos-lhes produzi-la e estivermos dispostos a ouvir as lógicas e autorias infantis. A riqueza cartográfica infantil foi valorizada pela Associação Cartográfica Internacional com o concurso Barbara Petchenik, o qual acontece bienalmente premiando *mapas-mundi* feito pelo público infantil desde 1993, promovendo a representação criativa do planeta Terra de acordo com a temática fornecida pela associação (as informações sobre o concurso e os mapas premiados nas edições anteriores podem ser consultados neste site: <https://icaci.org/petchenik/>).

Além deste, a Sociedade Brasileira de Cartografia criou, em 2009, o concurso Lívia de Oliveira, de edição anual, que também busca premiar mapas feitos por crianças em território nacional, na mesma lógica do concurso internacional (informações e coleção de mapas infantis são encontradas neste site: <https://www.mapasdecrianças.com/>).

Nós, enquanto docentes, devemos incentivar a produção autoral dos estudantes dentro de sala de aula e, porquê não incentivá-los, também, a participar destes concursos? Vejamos abaixo algumas produções premiadas em ambos os concursos.

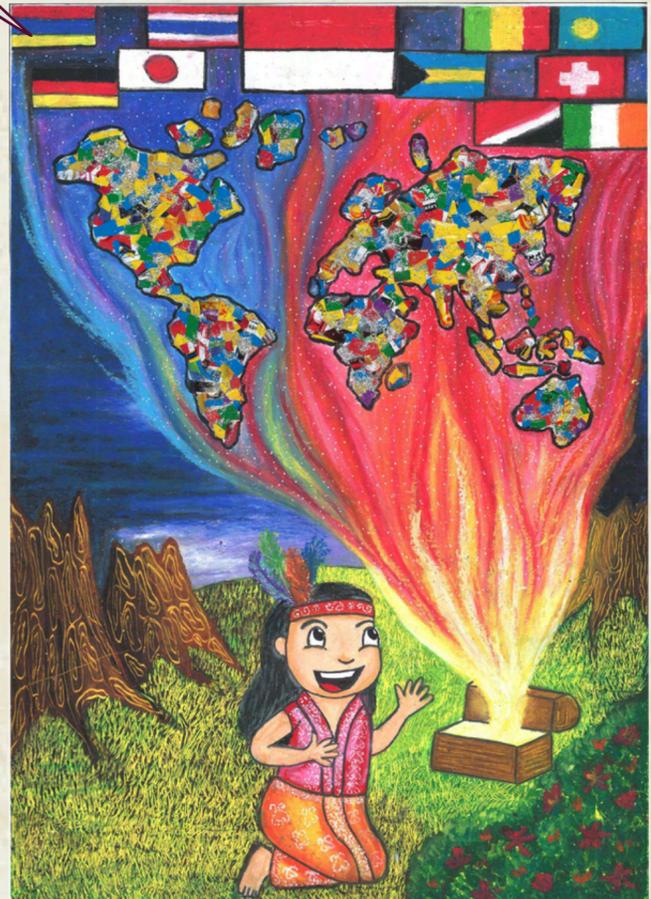
### Imagens 04:

#### Mapas infantis premiados no Concurso Bárbara Petchenik



Anja Schwarz (4 anos), Alemanha, categoria < 6 anos,  
1º lugar - 2023

**O mundo em minhas mãos**



Odilia Kinar Kanyamaheswari (8 anos), Indonésia,  
categoria 6–8 anos, 1º lugar - 2023

**Meu mundo dos sonhos é um mundo colorido sem desperdício**



Nela Korčušková (14 anos), Eslováquia, categoria 13–15 anos, 1º lugar - 2023  
**Frágil como bolhas**



Quénia Kesuma Dewi (5 anos), Indonésia, categoria < 6 anos, 1º lugar - 2017  
**Criando nossos sonhos na terra da Indonésia**

Fonte: <https://icaci.org/petchenik/>

### Imagens 05:

Mapas infantis premiados no Concurso Livia de Oliveira



**O Brasil e os Continentes**

João Vitor de Andrade Arruda - 8 anos - 2009



**Brasil, Coração na Mão**

Ana Caroline Gomes - 11 anos - 2011



**Tecnologia Extrema**

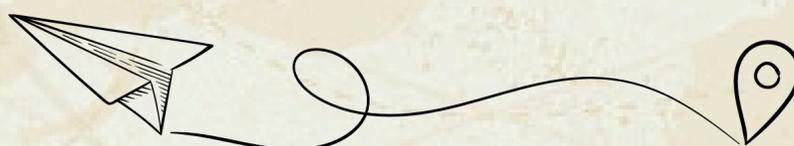
Lucas Shimomura Barbin Silva - 8 anos - 2021



**Meu mundo dos sonhos**

Adrielle Rosa Crispim - 4 anos - 2022

Fonte: <https://www.mapasdecrianças.com/>





## Cartografia tátil



“Para as pessoas [que enxergam], os mapas reduzem o mundo, auxiliando-as na sua compreensão; para as pessoas com deficiência visual, os mapas ampliam sua concepção de mundo, auxiliando-os na sua autonomia” (Loch, 2008, p.41)

O mundo em que vivemos desenvolveu-se e a cada dia mais desenvolve-se através da imagem, do verbo “olhar”, de tal forma que diversos aspectos da vida, inclusive a Cartografia, foram pensados para aqueles que veem, mas nem sempre enxergam... Apesar de ser uma ciência que carrega informações altamente visuais, os cegos também necessitam compreender geograficamente o mundo. Esta discussão, iniciada na década de 1970, favoreceu a produção de mapas táteis, inaugurando, assim, um ramo da Cartografia.

A Cartografia tátil, segundo Loch (2008), ocupa-se da produção de mapas e de outros produtos cartográficos para leitura de pessoas cegas ou com baixa visão. Constituem-se de representações gráficas em textura e relevo voltada à disseminação da informação espacial, contribuindo para o ensino de Geografia e História, sendo valiosos instrumentos de inclusão social, pois além de servirem ao ensino, servem à localização e à mobilidade nos centros urbanos.

A produção de mapas táteis é feita sobre um mapa convencional, traduzindo as informações visuais para informações táteis, por isso, faz-se necessário definir os elementos que serão traduzidos e escolher os melhores materiais para tal. No Brasil, há a produção especializada desses materiais por dois grandes institutos: o Instituto Benjamin Constant (IBC), no Rio de Janeiro, e o Laboratório de Cartografia Tátil e Escolar (LabTate), da Universidade Federal de Santa Catarina. Porém, a cartografia comum pode ser adaptada para tátil de maneira artesanal, contanto que se utilize materiais adequados para não ferir os usuários, uma vez que a leitura é realizada pelo tato. Um detalhe importante é que a escola, que possua alunos cegos ou de baixa visão, pode solicitar ao IBC o envio destes materiais de forma gratuita pelo site: <https://www.gov.br/ibc/pt-br/pesquisa-e-tecnologia/materiais-especializados-1>

Imagens 06:

Materiais cartográficos táteis produzidos pelo IBC



Mapa de relevo América do Sul





Globos terrestres táteis



Fonte: arquivo pessoal



## Cartografia vivencial



“Os mapas vivenciais amalgamam espacialidades, temporalidades e os valores nelas presentes, como possibilidades enunciativas” (LOPES, COSTA, 2023, p.326)

Como retratado nas seções “Geografia da(na) Infância” e “O conceito de vivência”, nós nos constituímos humanamente através de vivências espaciais, isto é, nossa existência e experiência no mundo são marcadas e, de certo modo, definidas pelo espaço geográfico no qual somos inseridos, havendo um processo de entrelaçamento entre o ser e o espaço, de maneira que modificam-se a si mesmos ao mesmo tempo em que modificam o outro.

Nessa perspectiva, a cartografia vivencial surge, segundo Lopes e Costa, “como um gênero textual privilegiado para a enunciação do viver em seus processos geográficos.” (2023, p.326). Esse tipo de cartografia é rico em histórias, em culturas e em subjetividades, dado que sendo um registro da vivência abre a possibilidade para múltiplas produções relacionadas a um espaço geográfico comum, favorecendo, ademais, a compreensão do outro humano em sua cartografia singular do mundo.

Os mapas vivenciais nos permitem encontrar as diversas expressões do espaço geográfico, uma vez que viabiliza aos indivíduos o registro de seus múltiplos olhares para as paisagens, territórios e lugares através da linguagem cartográfica, a qual perde o viés estático dos registros tradicionais dando lugar ao movimento dessas vidas em processos, que movem a Terra.

Abaixo podemos observar mapas feitos por crianças em diferentes pesquisas:

### Mapa 15:

#### Área central da cidade de Areal - Rio de Janeiro



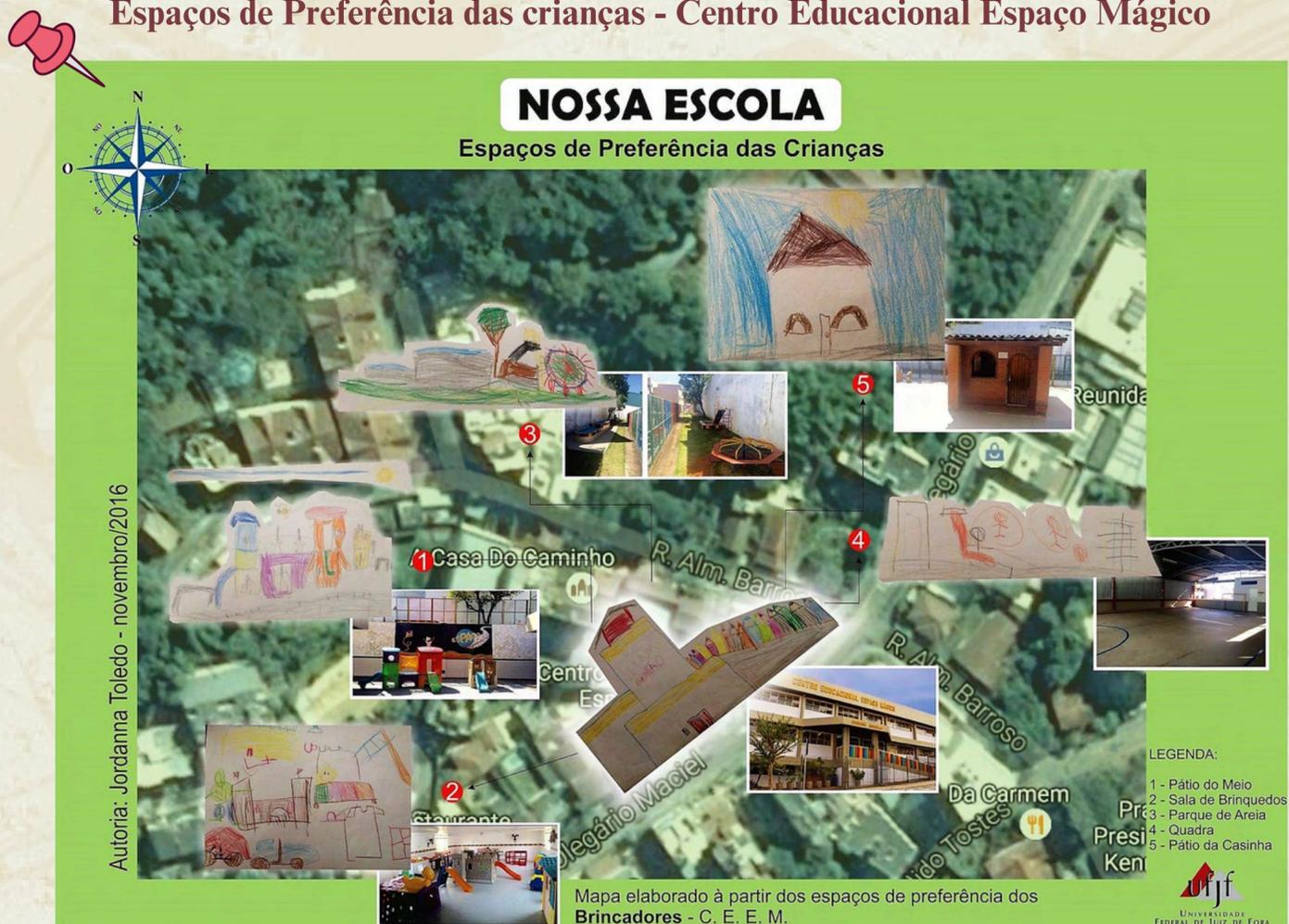
Fonte: <https://geografiadainfancia.blogspot.com/search/label/Mapas%20Vivenciais>



O mapa acima foi elaborado por crianças do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola de Areal junto com Lima (2014 apud Lopes, Costa, 2023, p.329), trazendo como contraponto aos mapas urbanos tradicionais as referências espaciais das crianças utilizadas para orientação e localização na área central da cidade. Assim, além dos referenciais adultocêntricos, os alunos inseriram no mapa aquelas que impactam suas vivências, as quais podemos observar estarem destacadas por desenhos autorais

## Mapa 16:

### Espaços de Preferência das crianças - Centro Educacional Espaço Mágico



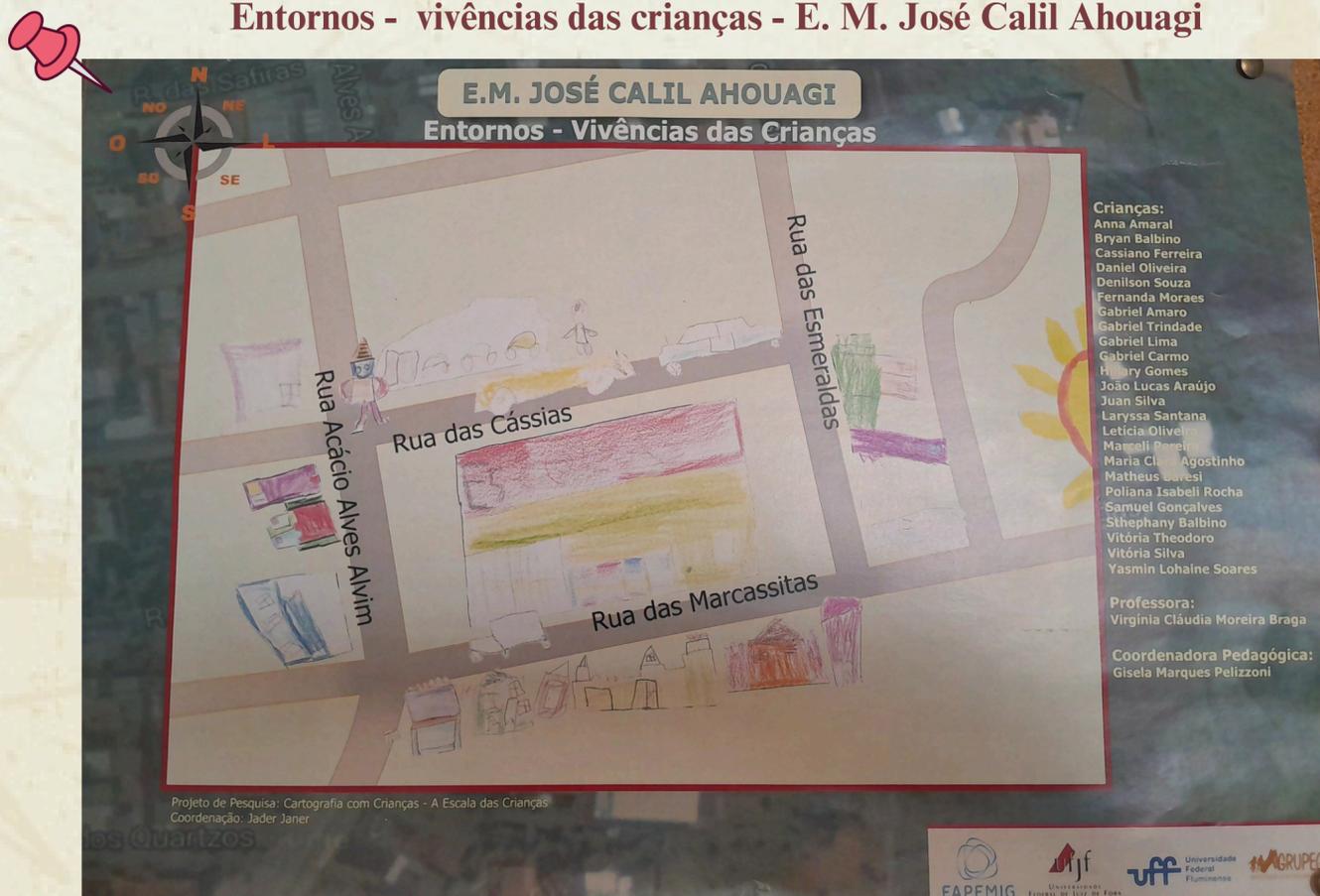
Fonte: <https://geografiadainfancia.blogspot.com/search/label/Mapas%20Vivenciais>



Mapa elaborado por Jordanna Toledo com as crianças da Educação Infantil, com idade entre 3 e 4 anos, do Centro Educacional Espaço Mágico, como trabalho de conclusão de curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora, registrando os espaços do brincar.

## Mapa 17:

### Entornos - vivências das crianças - E. M. José Calil Ahouagi



Fonte: Arquivo pessoal.



Mapa feito no Projeto de Pesquisa Cartografia com Crianças - A escala das Crianças, coordenado pelo Prof.º Dr.º Jader Janer Moreira Lopes, realizado na Escola Municipal José Calil Ahouagi, localizada no Bairro Marilândia, em Juiz de Fora - MG.



## Apenas uma conexão



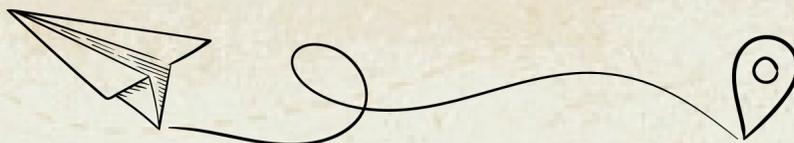
Como um caleidoscópio é capaz, pelo simples mover das mãos, produzir belíssimas figuras dentro de um jogo de diversidade e unidade, assim o ser humano é capaz, pelo mover das mãos, criar belíssimos registros do mundo. - A autora

Consideramos esta conclusão apenas como uma conexão neste voo exploratório sobre os múltiplos registros da incomensurável extensão física e cultural do nosso planeta Terra, havendo, portanto, outros destinos cartográficos a serem explorados em possíveis trabalhos futuros.

A partir do exposto nos capítulos acima, pudemos perceber como a espacialidade atravessa nossa vivência, indissociando-se do processo de humanização e da subjetividade inerente às experiências particulares de ser e estar no mundo, desta geo-história da vida.

Assim, a necessidade humana de registrar o espaço vivido relaciona-se à cultura dos povos que a produzem, e, por isso, não podemos, enquanto educadores, privilegiar apenas uma forma enquanto somos cercados por uma gama de cartografias riquíssimas, das quais haurimos outros olhares sobre os espaços que (ou não) nos cercam, enriquecendo o nosso imaginário espacial, a nossa compreensão do outro e, conseqüentemente, da diversidade e diferenças que nos constituem.

Nesse sentido, buscamos fazer deste trabalho uma ferramenta de auxílio para a prática pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil, a fim de que por meio de cartografias outras com mapas outros as crianças tomem contato com essas diferentes possibilidades de registro, compreendendo os diferentes usos do espaço vivido e sua relação com a subjetividade e alteridade que nos formam.





## Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Rosimeire Rozendo de. A Cartografia no Ensino de Geografia. 2022. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) - Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curso de Geografia, Universidade Federal da Alagoas, Maceió, 2021.
- CARVALHO, Edilson Alves de; ARAÚJO, Paulo César de. Leituras cartográficas e interpretações estatísticas I: geografia. **Natal, RN: Edufrn**, v. 248, 2008.
- DE OLIVEIRA NAKAGAWA, Regiane Miranda. Espaço e interdisciplinaridade: o conceito de espaço na obra de Milton Santos e suas interfaces com a comunicação e a semiótica. **Intexto**, p. 6-21, 2016.
- GAVAZZI, R.A. & REZENDE, M.S. (org.) **Atlas Geográfico do Indígena do Acre**. CPI-Acre, Rio Branco, 1996, 1998. Disponível em: <https://cpiacre.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Atlas-Geografico-Indigena-do-Acre.pdf>
- GERON, Gabriela; FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. O mapa como recurso didático mediador no ensino do espaço geográfico. **Revista Brasileira de Cartografia**, v. 68, n. 8, p. 1621-1632, 2016.
- JULIASZ, Paula Cristiane Strina; ALMEIDA, Rosangela Doin. Cartografia na Infância: as relações entre a verticalização da figura humana e a representação espacial. **Revista Brasileira de Cartografia**, v. 66, n. 4, p. 819-830, 2014.
- LIMA, Francisco de Assis Fernandes; DA COSTA, Franklin Roberto. A linguagem cartográfica e o ensino-aprendizagem da Geografia: algumas reflexões. **Geografia Ensino & Pesquisa**, p. 105-116, 2012.
- LOCH, Ruth Emilia Nogueira. Cartografia Tátil: mapas para deficientes visuais. **Portal de Cartografia das Geociências**, v. 1, n. 1, p. 36-58, 2008.
- LOPES, Jader Janer Moreira; COSTA, Bruno Muniz Figueiredo. MAPAS VIVENCIAIS E ESPACIALIZAÇÃO DA VIDA. **Porto das Letras**, v. 9, n. 1, p. 321-335, 2023.
- LOPES, Jader Janer Moreira; DE PAULA, Sara Rodrigues Vieira. As crianças, os cantos, os debaixo e os atrás: crônicas de vivências espaciais. **Revista Signos Geográficos**, v. 2, p. 1-16, 2020.
- LOPES, Jader Janer Moreira. A “natureza” geográfica do desenvolvimento humano: diálogos com a teoria histórico-cultural. **O fio tenso que une a psicologia à educação**. Brasília: UniCEUB, p. 125-136, 2013.
- LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia das Crianças, Geografia da Infância: algumas reflexões para quem produz geografia com as crianças. **Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, p. 43-55, 2007.
- LOPES, Jader Janer Moreira. O colecionador de botões e a menina que gostava de mapas. Juiz de Fora: [s.n.], 2017. **E-book**. il.
- LOPES, J. J. M.; VASCONCELLOS, T. **Geografia da infância: reflexões sobre uma área de pesquisa**. Juiz de Fora, MG: Feme, 2005.
- PRADO, Adélia. Terra de Santa Cruz. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- VIGOTSKI, Lev. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.